

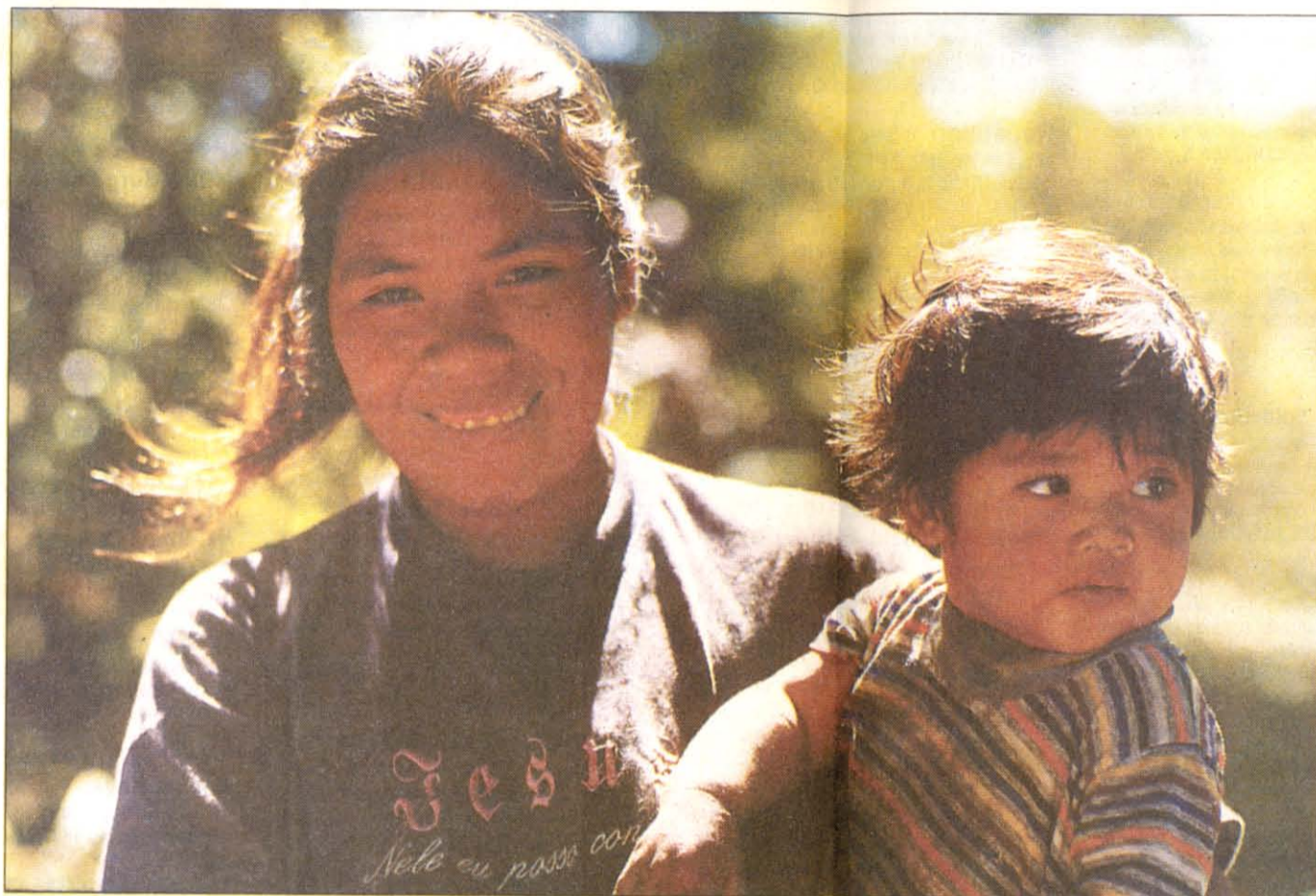
190-

Índios no meio do caminho

Um passeio pela Reserva de Mangueirinha, lugar que resguarda a alma indígena do Paraná

Nas vésperas dos 500 anos do Descobrimento, as feridas abertas pelo homem branco no corpo das civilizações indígenas brasileiras ainda não foram curadas. Os primeiros donos desta terra continuam diante de um paradoxo, encurralados entre a necessidade de integração com a sociedade moderna e o anseio pela preservação da cultura ancestral. Com o objetivo de iniciar uma pesquisa sobre este quadro e revelar a visão dos índios diante dos 500 anos do país, a *Expedição Coração do Brasil* passou pela reserva de Mangueirinha (a 400 quilômetros de Curitiba).

Maior reserva do Paraná e uma das maiores do Sul, com 17 mil hectares, Mangueirinha é habitada por dois mil índios das tribos caingangue e guarani (no Brasil, a população indígena total é de 325 mil). A região virou notícia nacional há três semanas, quando os índios fecharam as rodovias que cortam a reserva para protestar pela falta de ajuda financeira prometida pela Funai. Nossa visita aconteceu



A reserva contabiliza 2 mil índios das linhagens caingangue e guarani.

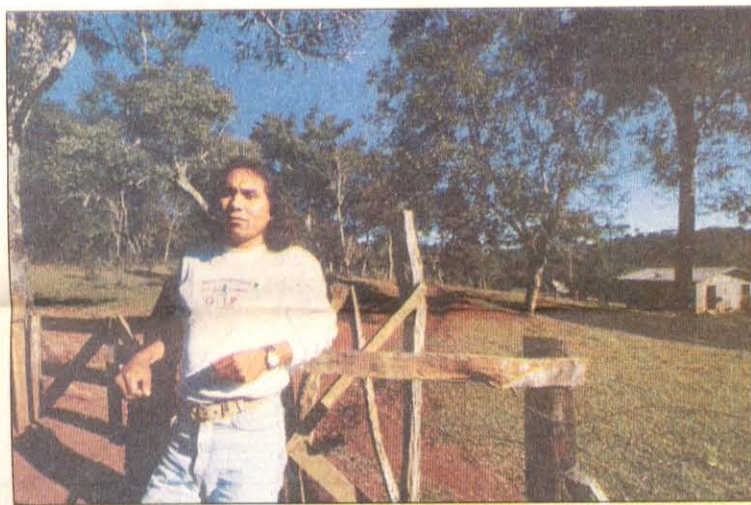
O que é

O *Expedição Coração do Brasil* é um projeto cultural que está percorrendo o país, numa viagem de 30 mil quilômetros, com o objetivo de documentar sua riqueza cultural, natural e humana. Formam a equipe o fotógrafo Orlando Azevedo (coordenador e idealizador da viagem), o piloto e guia Iguacu Paraná e o jornalista Fabiano Camargo.

lei e reprimida pelos novos caciques, muitos bebem com frequência. As tribos ainda passam por outras dificuldades, como a falta de verbas para comprar combustíveis e remédios.

É neste panorama que os índios de Mangueirinha, já aculturados, enfrentam o difícil processo de se integrar à sociedade sem perder as tradições. "Não podemos fingir que a sociedade do homem branco não existe. Evoluir é uma questão de sobrevivência", diz o cacique caingangue Valdir José Kókoj, 24 anos, eleito por voto direto chefe de toda a reserva. "Podemos usar a tecnologia e ser o que o branco é — professor, advogado ou jornalista — sem deixar de sermos índios". Para ele, o que define um índio não é a sua aparência, mas o que sente e como vive. "Ser índio é viver integrado com a natureza, conhecer suas raízes". O cacique diz que o indígena é, por essência, o mais antigo ecologista do planeta. "Sempre cuidamos da ecologia, como fazemos aqui na reserva. Mas não ganhamos nada em troca". Segundo Kókoj, os índios que são surpreendidos com certa frequência vendendo animais silvestres, como araras e periquitos, agem isolados, desrespeitando as leis da aldeia.

Palavra de cacique



Valdir José Kókoj: esperanças.

A dependência causada pela assistência de órgãos como a Funai é um problema assumido pelo cacique Valdir José Kókoj. "Gostaria que com o tempo nós tivéssemos condições de andar com as próprias pernas", diz. "Os primeiros 500 anos do país foram de sofrimento para nosso povo. Não temos o que comemorar. Nossa esperança é de que os próximos 500 tragam mais paz". Na busca pela evolução, a aldeia tem cada vez mais índios estudando fora. Dois frequentam a universidade e vários jovens estudam em escolas dos mu-

nicípios vizinhos. Claucir Vaz, 19 anos, caingangue, é um dos que se dedica aos estudos sonhando com um futuro melhor. "Quero fazer vestibular para Medicina ou Agronomia. Depois, mesmo que eu não more na reserva, vou aplicar o trabalho aqui dentro". Iniciativas como estas ainda não foram bem aceitas pelos mais velhos. "Alguns antigos dizem que estamos querendo deixar de ser índios. Não é verdade. Só estamos tentando ter condições melhores de vida", conclui. "Voltar a andar pelado no mato não resolve nada".

na véspera da realização do bloco.

Dentro da reserva está a maior mata nativa de pinheiros araucária do mundo, com 11 mil hectares — um patrimônio natural de beleza desconcertante. Os índios moram em pequenas casas de madeira, boa parte delas com o telhado ainda coberto por tábuas, como no antigo método de construção das ocas. Luz elétrica, televisão, roupas e as igrejas católicas e evangélicas já foram incorporadas há muito tempo. A novidade mais recente é a construção de dois centros de cultura onde adultos e crianças estudam e cultivam língua e

tradições dos antepassados, na busca por resgatar o que já estava sendo esquecido. No modo de vida, ainda persistem algumas características. Os guaranis, nômades por essência, continuam migrando bastante, mudando-se de uma reserva para outra. Só param quando sentem a proximidade da morte. Este é o caso de Noêmia Teresa Moreira, 77 anos, índia que pediu aos netos para construir sua nova casa perto do posto de saúde da reserva. "Pensei que a

noite passada era a minha última", contou.

Para sobreviver, os índios cultivam pequenas plantações (feijão e mandioca, principalmente), criam animais como vacas, porcos e galinhas ou extraem pinhão. Este produto, assim como o artesanato, pode ser comprado na beira das estradas que cercam a reserva. Das rodovias é possível detectar um antigo problema que degrada as sociedades indígenas: o alcoolismo. Apesar da venda de álcool aos índios ser proibida por

